



A VIRTUDE DA RELIGIÃO SEGUNDO SÃO TOMÁS DE AQUINO

Joel Gracioso¹

RESUMO: Este artigo procura explicitar, a partir do pensamento de São Tomás de Aquino, de modo peculiar a Q. 81 da IIaIIae da Suma Teológica, a natureza da religião, seu vínculo com a virtude da justiça e seus atos próprios.

Palavras-chave: Deus; Religião; São Tomás de Aquino; Virtude.

São Tomás de Aquino viveu no contexto do século XIII², cuja situação existencial e social era profundamente religiosa. Como pensador cristão, tinha uma preocupação em explicitar a legitimidade e a veracidade da *sacra doctrina*. E mais do que isso, como muitas vezes lembrava o Pe. Henrique Cláudio de Lima Vaz, Tomás intentava “distribuir aos outros os bens intelectuais alcançados pela contemplação”³

O senso do sagrado e a busca por Deus manifestou-se em São Tomás desde sua tenra idade, como lembram os seus biógrafos. Para o Doutor Angélico, Deus é o sentido e a razão última de todas as coisas. Mas qual o entendimento que possui sobre a relação do homem com Deus? De que maneira o humano pode se vincular ao divino? A religião é algo necessário? A prática religiosa teria um aspecto antropocêntrico ou teocêntrico?

1 No momento realiza Pós-Doutorado da Universidade do Porto. Professor do COR Academia.

2 Sobre a vida, a obra e o contexto histórico consultar: Chesterton, G. K. *Santo Tomás de Aquino*. Campinas: Ecclesiac, 2015. Grabmann, Martin. *Santo Tomás de Aquino: uma introdução à sua personalidade e ao seu pensamento*. Anápolis: Editora Magnificat, 2020. Torrel, Jean-Pierre. *Iniciação a Santo Tomás de Aquino*. São Paulo: Loyola, 1999. Weisheipl, James A. *Tomás de Aquino: vida, obras y doctrina*. Pamplona: EUNSA, 1994.

3 Cf. Lima Vaz, H.C. de. *Escritos de Filosofia (problemas de fronteira)*, p. 29.

Enfim, o que é religião? Qual a sua natureza e especificidade? Em que texto podemos encontrar o pensamento de São Tomás sobre essa questão e em que momento lógico- conceitual da sua exposição?

O texto tomasiano no qual aparece de maneira sistemática o tratado da religião é a questão 81⁴, presente na IIaIIae da *Suma Teológica*. Neste momento da *Suma*, encontramos uma análise detalhada das virtudes teologais (fé, esperança e caridade) e das virtudes cardeais (prudência, justiça, fortaleza e temperança). A análise da essência da religião ocorrerá, justamente, neste momento do texto, ou seja, no contexto de exposição das virtudes e, especificamente, após a explicitação da virtude da justiça. Por quê? Qual o sentido e a razão desta arquitetônica estabelecida pelo Doutor da Igreja?

São Tomás na II Parte da *Suma Teológica*, após apresentar na I Parte a estrutura natural do homem⁵ e sua criação⁶, entende que é preciso demonstrar em que sentido e em razão de que o ser humano tem a possibilidade de ser o autor do seu agir. Ora, para o autor da *Suma*, o homem, na medida em que possui duas grandes potências, reúne tais condições. Isto é, justamente por ser portador de uma potência intelectual (intelecto), pela qual é capaz de buscar entender a realidade em si mesma, e por possuir uma potência apetitiva intelectual (vontade), por intermédio da qual tem condições de efetivar escolhas livres e autodeterminar-se, o homem reúne as condições de possibilidade para ser o autor dos seus atos.

Ademais, na medida em que o agir humano é teleológico, como Tomás explicita⁷, é mister analisar qual o fim último que norteia todo o dinamis-

4 Cf. Mondim, Batista. *Dicionário Enciclopédico do Pensamento de Santo Tomás de Aquino*, pp. 583-587.

5 Cf. *Suma Teológica* I, q. 75 a 83.

6 Cf. Idem I, q. 90 a 93

7 Cf Idem Ia IIae, q. 1.

mo dos atos humanos, mostrando, concomitantemente, o que é, de fato, sua suprema realização ou beatitude.⁸

Após analisar essas questões no início da IaIIae da *Suma*, o doutor Angélico examina qual o caminho que nos leva até a essa meta transcendente. Isso implica avaliar as ações humanas em vários aspectos⁹ e o estatuto das paixões¹⁰. Ou seja, é preciso explicitar os fatores subjacentes às ações humanas. Num primeiro momento, Tomás apresenta os princípios internos àquele que realiza o ato e posteriormente exhibe os princípios exteriores ao agente.

Pressupondo toda a estrutura natural do homem, ele aponta os fatores internos chamando atenção para a habilitação ou qualificação em realizar algumas ações que as faculdades humanas, às vezes, possuem. Explorando profundamente tal temática¹¹, o *doctor communis* mostra como essas qualificações são importantes na vida humana. Tais qualidades são justamente as virtudes, compreendidas como algo estável, permanente, que capacita o sujeito moral a agir com mais facilidade. Trata-se de algo que torna boa tanto a ação realizada, quanto o agente, pois o qualifica de acordo com suas capacidades naturais.¹²

Após tais considerações, São Tomás aborda os dons do Espírito Santo¹³, o problema dos vícios e do pecado¹⁴, como também a dinâmica

8 Cf. Idem, q. 2.

9 Cf. Idem, q. 6 a 17.

10 Cf. Idem, q. 22 a 25.

11 Cf. Idem, q. 49 a 67. Esse trecho da *ST* constitui uma das análises mais profundas sobre a problemática das virtudes apresentada na história desta temática.

12 Cf. Nascimento, Carlos Artur Ribeiro do. *A religião na Suma de Teologia de Tomás de Aquino*, p. 86.

13 Cf. Idem, q. 68 a 70.

14 Cf. Idem, q. 71 a 89.

da lei e da graça¹⁵, mostrando, a partir destes dois últimos pontos que há fatores exteriores que influenciam a ação humana.

Entretanto, parece que essa estrutura, com todos os seus elementos, devido a uma exigência interna da análise, requeria ainda uma consideração minuciosa de cada virtude, principalmente das teologais¹⁶ e das cardeais¹⁷.

Ora, é neste momento do movimento interno da demonstração feita por São Tomás, isto é, no instante de consideração sobre a virtude da justiça, que é examinada a natureza, a essência da religião. Essa, portanto, aparece como um desdobramento ou algo anexo da virtude da justiça. Mas por que neste momento do texto e da exposição?

Na questão 80, da IIaIIae, anterior à questão que abordará a natureza da religião, Tomás investiga as partes potenciais da justiça, evidenciando as virtudes anexas à justiça. Ora, a virtude da justiça pressupõe a relação com o outro, e faz parte da essência dela dar ao outro o que lhe pertence, o que lhe é devido.

Assim, a religião, na medida em que tem essa referência ao outro, no caso aqui a Deus, está anexa à justiça e, por conseguinte, precisa dar a esse outro o que lhe é devido. Porém, ela não consegue realizar tal ato de maneira que ocorresse uma retribuição em igualdade, pois “aquilo que se dá a Deus é devido, mas não pode ser igual ao que se recebeu de Deus a ponto de se retribuir tanto quanto deve”.¹⁸

Como afirma Gilson:

“Praticar um ato de justiça é dar a alguém o que lhe é devido, de maneira que aquilo que se dá seja igual àquilo que se deve. Duas noções são, portanto, inseparáveis da de justiça: a noção de dívida e a noção de igualdade. Há,

15 Cf. Idem, q. 90 a 114.

16 Cf. Idem, II II, q.1 a 46.

17 Cf. Idem, q. 47 a 170.

18 Cf. Idem, q. 80, Resp.

entretanto, virtudes cuja definição contém apenas uma dessas noções, por exemplo, a noção de dívida. Por meio dessa noção, elas se associam, então, à virtude da justiça, à qual são anexadas, mas da justiça elas se distinguem nisto: não obrigam quem as pratica a dar tudo o que deve.

O exemplo mais impactante de uma relação desse tipo é aquele da relação que une o ser humano a Deus. O que deve o ser humano a Deus? Tudo. Não é de se esperar, porém, que o ser humano quite sua dívida em relação a Deus. É precisamente porque deve tudo a Deus que o ser humano não tem como devolver-lhe na mesma proporção. [...] Seguramente, tais benefícios não podem ser restituídos, mas a incapacidade de quitar uma dívida não autoriza ninguém a negá-la; ao contrário, só se é ainda mais estritamente instado a reconhecê-la e a declarar-se obrigado em relação a quem se sabe devedor. Para tanto, requer-se uma virtude especial, um substituto da justiça que se sabe incapaz de exercer. A virtude pela qual reconhecemos ter para Deus uma dívida que não podemos quitar é a *virtude da religião*".¹⁹

É por isso que, no entendimento do Santo Doutor, a religião está vinculada à justiça e é necessária na vida humana.

Contudo, para que haja sentido nessas considerações é necessário explicitar a natureza da religião, mostrar o que de fato ela é e até que ponto pode ser entendida como uma virtude. Ademais, se realmente for uma virtude, de que tipo é?

Da questão 81 até 100 da *IaIIae* da *Suma*, São Tomás aborda vários pontos correlacionados à problemática da religião.

Primeiramente, demonstra a natureza da religião; em seguida, os atos próprios dela; e por fim, os vícios que lhe são contrários.

No que diz respeito aos atos próprios da religião, o autor da *Suma* distingue entre interiores e exteriores. Os primeiros são a devoção e a oração; os segundos compreendem a adoração, os sacrifícios, as oblações,

19 Gilson, E. *O tomismo. Introdução à filosofia de Santo Tomás de Aquino*. pp. 439-440.

as primícias, o dízimo e o voto. Por fim, em relação ao nome de Deus, São Tomás trata do juramento, da adjuração, da invocação e do louvor.

Há, contudo, vícios opostos à religião. Se a virtude é o meio entre dois extremos, como nos lembra Aristóteles, então esses vícios se dão ou por excesso: superstição, idolatria, adivinhação, magia, ou por carência: tentação de Deus, perjúrio, sacrilégio e simonia.

Parece que Tomás quer apresentar uma compreensão estruturada e ampla da religião em si.

Analisemos mais proximamente a questão 81, constituída de oito artigos.

Em sua estrutura, observam-se três momentos lógicos significativos. Primeiramente, do artigo 1 ao 6, procura-se explicitar a natureza da Religião, em que sentido é uma virtude e, por fim, de que tipo de virtude se trata.

Num segundo momento, no artigo 7, visa-se abordar os atos próprios da Religião, apresentando em que medida há atos externos, e não apenas internos.

E, num último momento lógico, no artigo 8, há uma análise da identidade, ou não, entre religião e santidade, retomando, de uma outra forma a abertura da questão.

Inicialmente, há uma preocupação em entender se a religião ordena e orienta o homem apenas para Deus.²⁰

Num primeiro momento, parece que não. Baseando-se na carta de Tiago e em Santo Agostinho, pode-se pensar que a religião implica sempre uma relação com o próximo: seja por causa da necessidade de visitar órfãos e viúvas; seja porque é preciso manifestá-la aos parentes e afins; seja ainda pelo fato de que a latría possui o sentido de serviço, não somente em relação à Deus, mas também em relação ao próximo; seja ainda pelo fato de prestarmos culto a pessoas e de que todos os que estão em estado de salvação são submissos a Deus. Mas dentre esses, nem todos são intuitu-

20 Cf. *ST*, IIaIIae, q. 81, a.1.

lados de religiosos, mas somente os que se submetem a homens por meio de promessas e outras práticas. Ora, tudo isso parece indicar que a religião orienta o homem também para o próximo e não apenas para Deus. Todavia, tendo como referência Cícero, parece que o ponto central da religião é apresentar um culto a uma realidade de natureza superior e divina.

São Tomás, considerando as diversas objeções, explicita que a religião compreende duas espécies de ações: as próprias ou imediatas e as imperadas. Nas ações próprias, algo é produzido diretamente pela virtude da religião, como sacrificar e adorar a Deus. Já nas imperadas, algo é produzido por uma virtude movida pela virtude da religião, como, por exemplo, visitar um doente. Ou seja, a virtude da religião impera sobre a outra, ordenando-a à reverência divina. Assim, a virtude à qual pertence o fim impera sobre as virtudes às quais pertence tudo aquilo que é orientado ao fim. Dessa maneira, guardar-se do mundo para se manter puro, é um ato praticado pela temperança, mas imperado pela religião.²¹

Num segundo momento, o autor da *Suma* salienta que é preciso entender que a religião diz respeito a parentes ou algo semelhante, por extensão, por implicação e não por especificidade.

No que diz respeito à questão da latría, Tomás reconhece que há nela presença da ideia de servidão, porém não de qualquer servidão. Ou seja, se há uma razão especial de domínio, há uma razão especial de servidão. Ora, Deus é o soberano por excelência e o domínio que se aplica a Ele é por razão própria, intrínseco a Ele e singular. Por quê? Porque Ele é a origem e o criador de todas as coisas, tendo, assim, o domínio supremo sobre toda a realidade a partir de algo inerente a Ele. Logo, Ele merece uma servidão especial, pois a razão do seu domínio é mais excelente. A latría expressa justamente essa servidão especial.

Quanto ao culto a pessoas e até a coisas, submetidas a nós, esse culto existe. No caso dos homens, fazemos isso honrando-os; e, no caso

21 Cf. Idem, q. 81, a. 1, Resp.

das coisas, cultivando-as. Entretanto, o culto que prestamos a Deus não é o mesmo, pois Ele merece um culto especial devido à sua honra especial, consequência do fato de ser o princípio absoluto de tudo.

E, por fim, lembra que o termo religioso não se aplica a partir de um único sentido. Se religioso, por um lado, é todo aquele que presta culto a Deus, por outro lado, numa acepção mais específica e especial, religioso é todo aquele que deixa tudo e se consagra totalmente ao culto divino.

Contudo, qual é, de fato, a natureza e a finalidade da religião? A partir de uma análise do termo “religião”, levando em consideração uma tradição que remonta a Cícero e Agostinho, Tomás aponta três sentidos para o termo: a) releitura, reler aquilo que pertence ao culto divino, pois sempre deve meditar-se, cada vez mais, no coração; b) reeleição, reeleger a Deus, escolhê-lo novamente na medida em que o perdemos por negligência, pelo pecado; c) religação, estabelecer esse vínculo, essa ligação do homem com Deus.²²

Ora, quer consideremos o primeiro, o segundo ou terceiro sentido, todos implicam uma orientação para Deus. A religião, portanto, é teocêntrica, pois Deus é o princípio de tudo, o fundamento absoluto, o sentido último da existência. Assim, segundo o Doutor Angélico, devemos nos ligar a Ele e escolhê-lo como o nosso fim último. E se nos desviarmos Dele pelo pecado, por intermédio da fé, precisamos voltar.

Porém, para Tomás, a explicitação da natureza da religião requer uma análise do seu estatuto enquanto virtude. Ou seja, a religião é uma virtude? Em que sentido?

A religião é uma virtude porque, se a virtude é o ato que torna bom quem a tem e boa a sua obra, levando até a admitir-se que todos os atos bons pertencem à virtude. E se pagar o devido a alguém é um bem, é algo bom, pois restabelece uma relação conveniente com o outro, ordenando-se convenientemente com ele, sendo que a ordem é um dos ele-

22 Cf. Idem, *ibidem*.

mentos da natureza do bem. Então, a religião é uma virtude porque presta a honra devida a Deus, e isso é um bem, um ato bom, estando, portanto, na esfera da virtude.²³

Ora, por ser o que é, a virtude da religião é uma só e especial. Isto é, para Tomás as habilitações se distinguem conforme seus objetos, e estes vão se distinguir pela sua estrutura nocional. Assim, a razão central e única que nos leva a prestar reverência a Deus é seu estatuto nocional de Criador e Providente. Ou seja, Ele é o princípio primeiro da existência e do governo das coisas e, por isso, o honramos praticando a religião. Então, é preciso que a religião cultue esse Deus único conforme o seu sentido nocional e, desta maneira, também seja única.²⁴

Em segundo lugar, se a virtude tem por objeto o bem, então, onde há uma noção especial de bem, é necessário haver uma virtude especial. O bem da religião é dar a Deus a honra que lhe é devida por causa da sua excelência, que é distinta essencialmente de qualquer outra excelência. Deus possui singular excelência, pois transcende tudo com absoluta superioridade. Se é assim, então deve-se a Ele uma honra especial, mostrando que a virtude da religião é especial.²⁵

Mas seria ela uma virtude teológica? Não. Ela é uma virtude moral²⁶. Segundo São Tomás de Aquino, é preciso distinguir na religião dois aspectos. Uma coisa é o culto prestado, que é a matéria e objeto da religião. E outra coisa é a quem é prestado esse culto, Deus.

Ora, o culto prestado a Deus não é um ato que atinge o próprio Deus. O culto é oferecido a Deus por intermédio de certos atos feitos para reverenciá-Lo. Assim, Deus, na virtude da religião, não está como

23 Cf. Nascimento, Carlos Artur Ribeiro do. *A religião na Suma de Teologia de Tomás de Aquino*, p. 88

24 Idem, *ibidem*, p.89.

25 Cf. *ST* IIaIIae, q. 81, a. 4. Resp.

26 Cf. Idem, q. 81, a. 5, Resp.

matéria ou objeto, mas sim como fim. Por isso, a religião não é uma virtude teológica, cujo objetivo é o último fim, ou seja, tem por objeto o próprio Deus²⁷. Mas sim uma virtude moral.

E se, de fato, as coisas orientadas para o fim são boas em proporção a esta orientação, então, quanto mais próximas estão do fim, melhores são. Ora, a virtude da religião está mais próxima de Deus que as outras virtudes morais, pois suas ações direta e imediatamente ordenam-se para a honra divina. Portanto, é superior às outras virtudes morais.²⁸

Todavia, os atos e ações presentes no culto de latría a Deus não seriam apenas interiores? Para São Tomás, não²⁹, pois honramos à Deus não por causa Dele. Por quê? Porque na medida em que Ele é absoluto, soberano, pleno, cheio de glória, não podemos acrescentar nada a Ele. Assim, o honramos por nossa causa. Em que sentido?

Ao reverenciarmos a Deus, submetemo-nos a Ele e, assim, nosso espírito se aperfeiçoa, pois qualquer coisa se aperfeiçoa quando se submete ao que lhe é superior.

Entretanto, o homem pelo seu próprio modo de ser e conhecer, precisa das realidades sensíveis. Desta maneira, para se submeter e se unir a Deus, o nosso espírito se apoia em realidades visíveis, sensíveis, para chegar ao que é invisível. Chega-se, por exemplo, à Beleza Divina, por intermédio da beleza manifesta nas criaturas.

Isto mostra, por conseguinte, que o culto prestado a Deus precisa utilizar realidades corpóreas, visíveis, para que, por meio delas, que neste contexto e aspecto são sinais, a mente humana desperte para atos espirituais e, desta forma, se una, por intermédio delas, a Deus.

27 D'Amécourt, Joseph de Poton. Religião. In: Savian Filho, Juvenal e Nascimento, Carlos Arthur Ribeiro do. (orgs) *Tomás de Aquino – Chaves de Leitura*. São Paulo: Loyola, 2024, pp. 345-351.

28 Cf. Idem, Q. 81, a. 6, Resp.

29 Cf. idem, Q. 81, a. 7. Resp.

Assim, os atos interiores são o que é próprio e essencial da virtude da religião. Mas há também, de modo secundário, os atos exteriores que devem estar ordenados aos interiores.

Enfim, após analisar a natureza da religião, mostrando sua dimensão de virtude, e explicitando sua dimensão interior e exterior, o Doutor Angélico retoma a questão da identidade da virtude da religião, examinando sua relação com a santidade. Ser religioso e ser santo é a mesma coisa?

Sob certo aspecto, ser religioso e ser santo é a mesma coisa³⁰, pois se a santidade tem uma dupla perspectiva ou duas considerações possíveis, isto é, pode ser vista como pureza, mas também como firmeza, esses dois sentidos encontram-se no contexto do culto a Deus.

Sem pureza, não é possível elevar o espírito a Deus, pois, na medida em que o espírito se volta e se submete ao que é inferior a ele, vai perder progressivamente essa pureza. O ato de se entregar ao que é inferior sempre gera uma perda de retidão e da integridade das próprias capacidades. A prata, por exemplo, misturada com chumbo, já não é uma prata pura, íntegra.

Logo, o espírito humano precisa não se entregar ao que lhe é inferior, a fim de manter sua pureza e, por conseguinte, aproximar-se de Deus.

Mas é necessário também firmeza para que o espírito se una a Deus. Um espírito que se deixa abalar por qualquer coisa, não consegue ir em direção ao absoluto, ao transcendente. Porém, segundo frei Tomás, é preciso entender que essa firmeza não está em si mesmo. Não a encontramos em nós a partir de nós mesmos. Ou seja, só temos firmeza quando nos firmamos Naquele que é inabalável em si mesmo, por intermédio de uma fé e de uma vida inabalável. A certeza advinda da fé, de que nada pode nos separar do amor de Deus, é o fundamento seguro.

Assim, para São Tomás, santidade e religião, do ponto de vista da essência não difere, mas somente sob o aspecto nocional. Como ele diz:

30 Cf. Idem, Q. 81, a. 8.

“Logo, essencialmente, religião e santidade não se distinguem. Distinguem-se por distinção de razão. Religião é prestar a Deus a devida servidão quanto ao que especificamente pertence ao culto divino, como são os sacrifícios, as oblações e coisas semelhantes. Santidade é, porém, referir a Deus não só esses atos, mas os atos das outras virtudes, ou fazer com que a pessoa, mediante boas obras, se disponha ao culto divino.”³¹

Ou seja, é religião quando prestamos a Deus o serviço que devemos a Ele, o devido culto. E é santidade quando direcionamos toda a nossa vida, os nossos atos e pensamentos, totalmente a Ele. Isso mostra uma mútua implicação: a religião, pelo culto a Deus, nos santifica e nos leva a reconhecer a nossa total dependência em relação a Ele e, concomitantemente, expressar uma profunda gratidão e desejo de se unir ao Divino por intermédio de alguns atos. A santidade, por sua vez, nos leva a direcionar todos os meus atos a Deus e a ficar disposto a cultuá-lo cada vez mais.

Vemos, desta forma, que para São Tomás de Aquino, a partir da luz natural da razão, podemos compreender que a religião é algo necessário na vida humana, uma disposição natural; que é uma virtude especial, cujo centro é Deus e não o homem; que tem como finalidade primordial levar o homem a se relacionar com Deus, adorando-o e amando-o acima de tudo, como sinal de reconhecimento, gratidão, retidão e justiça. Enfim, é a virtude capaz de oferecer consistência e segurança a toda a realidade criada.³²

Referências

Biffi, Inos. La virtù della religione nella Summa Theologiae di San Tommaso D'Aquino. In: *Religion and Religions. A Thomistic Look*.

Chesterton, G. K. *Santo Tomás de Aquino*. Campinas: Ecclesiae, 2015.

31 ST IIaIIae, Q. 81, a. 8, Resp.

32 Biffi, Inos. *La virtù della religione nella Summa Theologiae di San Tommaso D'Aquino*, p.10.

- Gilson, E. *O tomismo, introdução à filosofia de Santo Tomás de Aquino*. São Paulo: Editora WMF, 2024.
- Grabmann, Martin. *Santo Tomás de Aquino: uma introdução à sua personalidade e ao seu pensamento*. Anápolis: Editora Magnificat, 2020.
- Mondim, Batista. *Dicionário Enciclopédico do Pensamento de Santo Tomás de Aquino*. São Paulo: Loyola, 2023.
- Nascimento, Carlos A. Ribeiro do. A religião na Suma de Teologia. In *Projeto História*, n. 37, 2008.
- Savian Filho, Juvenal e Nascimento, Carlos Arthur Ribeiro do. (orgs) *Tomás de Aquino – Chaves de Leitura*. São Paulo: Loyola, 2024.
- Tomás de Aquino. *Suma Teológica*. 9 volumes. São Paulo: Loyola.
- Torrel, Jean-Pierre. *Iniciação a Santo Tomás de Aquino*. São Paulo: Loyola, 1999.
- Vaz, Henrique C. de Lima. *Escritos de Filosofia: Problemas de Fronteira*. São Paulo: Loyola, 1986.
- Weisheipl, James A. *Tomás de Aquino: vida, obras y doctrina*. Pamplona: EUNSA, 1994.